

O QUE ESSE SILÊNCIO TEM A ME DIZER?

Escutas e narrativas de vida de mulheres negras

WHAT DOES THIS SILENCE HAVE TO TELL ME?
Listening and life narratives of black women

¿QUÉ TIENE QUE DECIRME ESTE SILENCIO?
Escucha y relatos de vida de mujeres negras

Dayana Gomes Pereira

Universidade Federal de Goiás, Goiânia, Goiás, Brasil. |

daya@discente.ufg.br

1

Resumo: O objetivo deste trabalho foi construir um diálogo a partir de narrativas de duas mulheres negras, destacando o quão relevante estas escutas podem ser. Pensando o processo de escrita e produção de saberes, considerando o fazer científico fundamentado pelas histórias de vida. Compreendendo a partir de referências bibliográficas, conceitos que fundamentam meu desejo em ouvir histórias de vida de mulheres negras. Faço a retomada de duas cartas recebidas e narradas em 2015 por estas mulheres, na cidade de Iporá/Goiás. O texto integra narrativas/cartas de 2015 e 2023. Este exercício tem relação com este escutar e compreender saberes ancestrais cultivado por mulheres negras. Assim proponho aqui, lançar olhares e reflexões sobre estas oralidades, junto a noção de educação comunitária por Bell Hooks (2013), memória coletiva de Maurice Halbwachs (1990), bem como noções sobre racismo e sexismo nas escrituras de Lélia Gonzalez (2020). Convido também aqui para criar um chão, Luciene Dias e Ralyanara Freire, com o termo Mulheres cerradeiras (2020).

Palavras-chave: História de vida. Mulheres negras. Sabenças. Oralidade. Ficar viva.

Abstract: The objective of this work was to build a dialogue from the narratives of two black women, highlighting how relevant these listeners can be. Thinking about the process of writing and knowledge production, considering scientific endeavors based on life stories. From bibliographic references, I understand the concepts that underlie my desire to listen to the life stories of black women. I take up two letters received and narrated in 2015 by these women in the city of Iporá/Goiás. The text integrates narratives/letters from 2015 and 2023. This exercise is related to listening and understanding the ancestral knowledge cultivated by black women. So I propose here to look at and reflect on these oralities, along with the notion of community education of bell hooks (2013), the collective memory of Maurice Halbwachs (1990), as well as the notions of racism and sexism in the writings of Lélia Gonzalez (2020). I also invite here Luciene Dias and Ralyanara Freire to create a terrain, with the term Mulheres cerradeiras (2020).

Key words: Life story. Black women. Knowledge. Orality. Staying alive.

Resumen: El objetivo de este trabajo fue construir un diálogo a partir de las narrativas de dos mujeres negras, destacando lo relevante que pueden ser estas escuchas. Pensar en el proceso de escritura y producción de conocimiento, considerando los emprendimientos científicos basados en historias de vida. A partir de referencias bibliográficas, comprendo los conceptos que fundamentan mi deseo de escuchar las historias de vida de mujeres negras. Retomo dos cartas recibidas y narradas en 2015 por estas mujeres en la ciudad de Iporá/Goiás. El texto integra narraciones/ cartas de 2015 y 2023.

Este ejercicio está relacionado con la escucha y la comprensión de los saberes ancestrales cultivados por las mujeres negras. Así que propongo aquí mirar y reflexionar sobre estas oralidades, junto con la noción de educación comunitaria de Bell Hooks (2013), la memoria colectiva de Maurice Halbwachs (1990), así como las nociones de racismo y sexismo en los escritos de Lélia Gonzalez (2020). Invito también aquí a Luciene Dias y Ralyanara Freire a crear un terreno, con el término Mulheres cerradeiras (2020).

Palabras clave: Historia de vida. Mujeres negras. Saberes. Oralidad. Permanecer vivo.

Recebido em 10 de maio de 2023.

Aceito em 29 de setembro de 2024.

Introdução e minha performance insistente no existir

Eu não quero contar a história destas mulheres. O que eu quero é dançar com elas. Dançar juntas. Tomar um chá. Fazer um caminho de volta. Eu.

Eu vasculhei todos os meus rabiscos, para encontrar um que pudesse fazer sentido e dialogar com o agora. Estou falando de escritas guardadas que venho produzindo já a algum tempo e geralmente eu retorno a elas com algum interesse muito específico. Este artigo é uma reformulação de escutas que fiz a 9 anos e guardei. É bem bonito para mim, acessar algo que fiz em um outro momento e ver o quanto ele ainda é carregado de sentidos. Inicialmente espero que nesta troca hoje, possa fazer sentido para a pessoa que me lê.

4

Mulheres negras sempre produziram conhecimento. No entanto muitos dos saberes que as “mães pretas”, “curandeiras”, “cozinheiras”, “avós” e outras tantas destas mulheres construíram, as vezes ainda só podem ser acessados oralmente ou em escritas muito atuais, inclusive e em especial feita por nós mesmas. Percepção esta, que desejo complementar com olhares que encontrei dialogando com o artigo Mulheres em movimento e expressões na construção do viver-Cerrado de Dias e Freire (2020), que apresenta um outro universo acerca da existência destas mulheres aqui no cerrado, suas diversidades de saberes, expressões e lutas. Foi preciso muita escuta para esta produção que deixo aqui como referência.

Seguindo também um outro contexto que se relaciona bem com a maioria dos saberes ditos como tradicionais e entendendo que estes são transmitidos às gerações próximas, pelo método da oralidade. Na ocasião desta escrita (2015), eu delimito a pensar os saberes de mulheres negras a partir de suas escritas sobre si mesmas.

Em 2014 adentrei no programa de mestrado interdisciplinar em Performances Culturais, o programa na época estava vinculado a faculdade de artes cênicas. Hoje 9 anos depois, retorno com um projeto intitulado *Ancestrais do futuro: cartografias e narrativas dançantes de mulheres negras*. O programa passou por algumas incontáveis e necessárias mudanças. Hoje vinculado a Faculdade de Ciência Sociais, me soa um tanto quanto mais humano e estruturado.

A desculpa que utilizo desta vez para estar vinculada a uma instituição acadêmica, está no desejo de deslocar meu corpo e confrontar com minha existência, esta instituição que de forma tão violenta me negou o direito de ser e de existir. Ainda assim, eu estou viva.

Obviamente que esta instituição não é o único caminho para que eu me faça gente ou que seja o ápice supremo para dispor minha intelectualidade. Entretanto o desejo de assumir também este lugar, me fez remoer e remontar este caminho de pesquisa, desejando como se diz: “rumar o pé na porta”, sendo assim aprovada em primeiro lugar.

Duas professoras negras com as quais sempre desejei me sentar à mesa, hoje são minhas orientadoras. Esta cena eu já acompanhei aqui em Goiânia, porém de longe, com outras mulheres negras da cidade e hoje a vivo como uma experiência inédita em minha carreira acadêmica. Sim eu fico sorrindo, mas não romantizo.

Estou sendo orientada pela Dr^a Renata Kabilaewatala e Dr^a Luciene Dias, sei que me sentar à mesa com elas, me diz sobre reconhecer suas dimensões humanas, sensíveis, da poesia forte de estarem vivas, para degustar comigo as delícias e as angústias desta caminhada. Ainda não posso dizer muito sobre, mas me sinto grande e fortalecida (em outro momento talvez expresse isso melhor, mas tem a ver com me ver, quando olho para trajetória delas).

Estamos também nos conhecendo intelectualmente e devo considerar que os modos de entender nossos corpos pretos na Universidade Federal de Goiás, já muito se modificou com a presença destas duas pesquisadoras, bem como de seus orientandes de outros projetos e espaços de produção de saberes. Isto para mim, tem sido um choque de realidade inspirador e encorajador. Uma vez que entendo que romper barreiras estruturais, culturais e naturalizadas com a invisibilidade de nossas existências, seja tarefa coletiva e exaustiva.

Em 2022 início do doutorado, eu cheguei com o corpo endurecido. Nada brincante. Coragem havia, senão nem estaria cá, mas o medo veio junto. Afinal o que eu haveria de esperar de um espaço que anteriormente já havia questionado minha capacidade intelectual de produção escrita? No entanto de modo muito sutil e generoso, ouvi de ambas: Daya, que prazer caminhar com você. Vamos juntas...

Meu nome é Dayana Gomes Pereira. Me identifico por Daya Gomes. Eu, artista, escritora independente, mãe, arte-educadora, mulher lésbica, pesquisadora e hoje paciente oncológica, estou sempre em busca de história de mulheres negras. Cotidianamente não traço nenhum recorte específico no diálogo com elas, mas me interessa conhecer e reconhecer o que nos conecta, trança ou distância. Perceber os caminhos que elas desenham suas trajetórias de vida, de deleite, encontro e confronto com o racismo. Os seus afetos e traumas.

Resumindo as convido a me dizer como e o que as tem feito se sentirem e permanecerem vivas. Me vejo nitidamente na ideia de coletividade e do que realmente importa nesta atuação entre educar, produzir e se perceber, onde Bell Hooks nos convida a pensar que:

[...] O entusiasmo pelas ideias não é suficiente para criar um processo de aprendizado empolgante. Na comunidade da sala de aula, nossa capacidade de gerar entusiasmo é profundamente afetada pelo nosso interesse uns pelos outros, por ouvir a voz uns dos outros, por reconhecer a presença uns dos outros (2013, p.17).

Estou convencida pela vivência que este é um caminho muito possível. Assim destaco que escolhi dialogar com este texto meu, já empoeirado, porque sinto que este exercício de escuta, percorre minha trajetória como educadora e pesquisadora desde sempre e se desdobra em minha pesquisa de doutorado, onde proponho realizar a escuta das narrativas de vida de 3 mulheres negras dançantes, buscando compreender e dialogar com seus saberes ancestrais.

Krenak (2022, p.37) me disse em sua mais recente obra Futuro Ancestral, que "...não podemos nos render à narrativa de fim do mundo que tem nos assombrando, porque ela serve para nos fazer desistir dos sonhos, e dentro dos sonhos estão as memórias da Terra e de nossos ancestrais."

Sigo aqui inspirada também pelos textos e trocas sugeridas na disciplina Correntes teóricas e metodológicas em Performances Culturais (2022/2023), ministrada pela professora, educadora, mãe, mulher lésbica e ativista negra, Dr^a Luciene de Oliveira Dias. Este encontro me levou a entender que poderia ser o momento de me reaproximar de algumas memórias guardadas ou sonhos, isso justifica a retomada desta escrita de 2015.

Ilumino aqui que não se trata somente de falar de minha trajetória e formação, pelo encontro e desencontro entre mulheres negras que me atravessam, ou nossos silêncios e escritas escondidas. Mas sugiro aqui um exercício pessoal, em formato

de artigo, sobre metodologias, escritas e produção de saberes a partir de narrativas de outras mulheres negras que viveram e ainda vivem comigo.

Uma das problemática que destaco, está relacionada com o tempo para possíveis interpretações das respostas e seus diálogos, enfatizando assim um aceno de entendimento da importância destas oralidades para se compreender alguns processos formativos, de resistências, quanto de sobrevivência destas mulheres. Uma vez que analisar os discursos demandaria um pouco mais de tempo e outros recursos, até mesmo da escuta.

Assim utilizei da dinâmica afetiva e potente da escrita de cartas, onde a escrita deste gênero pode mover produções muito relevantes. Enviei às duas interlocutoras, suas falas coletadas por mim em 2014 e as convidei a escrita de uma carta autoral sobre suas trajetórias de lá para cá, estimuladas pelas seguintes questões: Carta aberta e semiestruturada - Como você se identifica hoje? - Quais sonhos ainda mantém vivos? - O que deixou pelo caminho de 2014 para cá? - Como se vê daqui 5 anos? - Se pudesse mudar algo, o que seria? - Como você leu as coisas que havia escrito? Ambas aceitaram o convite e cá dançaremos nossas memórias e tempos.

Como este trabalho visa estabelecer uma reflexão que forneça elementos práticos, para o exercício da escrita de uma tese, bem como subsídio teórico para outras pesquisas, ele está delimitado a uma pesquisa bibliográfica e análise de dados coletados na carta aberta e semiestruturada, com as questões apresentadas acima.

Foram levantadas obras que perpassam pelas seguintes temáticas: memória coletiva, mulheres negras, mulheres cerradeiras, racismo, sexismo e educação como prática da liberdade, visando um diálogo explicativo sobre as problemáticas apontadas nos relatos e que pudessem contribuir com esta reescrita. Entendendo que:

A pesquisa bibliográfica é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites. Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto. Existem, porém, pesquisas científicas que se baseiam unicamente na pesquisa bibliográfica, procurando referências teóricas publicadas com o objetivo de recolher informações ou conhecimentos prévios sobre o problema a respeito do qual se procura a resposta (Gerhardt apud Fonseca, 2002, p. 32)

Juntamente com estes referenciais teóricos, trago o depoimento destas duas mulheres negras de Iporá Goiás, região oeste do estado. Uma cidade de 30,000 habitantes, com fundação cultural baseada no coronelismo e patriarcado, assim como em todo nosso território cerrado.

Então convido a mulher cerradeira urbana, Daniella Rezende Borges, hoje com 25 anos, funcionária pública municipal e concursada. Daniella ainda é moradora da antiga Itajubá (Iporá Goiás). Convido também a mulher cerradeira das matas e trilhas Regiane Cristina da Silva, hoje com 42 anos, bióloga, funcionária pública da Rede Estadual de Educação do Mato Grosso (atualmente mora na Chapada dos Guimarães), Mãe solo. Ambas as mulheres fazem parte destas reflexões, uma vez que elas impulsionam meus questionamentos e a busca pela escuta de outras mulheres.

A partir daí o trabalho se divide em 4 partes, sendo esta Introdução e minha performance insistente no existir como primeiro tópico, apresentando os caminhos, objetivos e escolhas. Sabências e falas cria o segundo tópico, sobre quem são estas mulheres e o que elas têm a nos dizer? Destacando sentidos para

compreendermos o potencial das oralidades e os espaços de formação de nossos corpos.

No terceiro tópico Cochichos sobre memórias, trago uma breve reflexão mais fundamentada e dialogada com a obra *A Memória Coletiva de Halbwachs* (1990) e nossas memórias e apresenta as duas cartas atuais destas interlocutoras. Para fechar as ideias o quarto tópico intitulado por Breve considerações, escutas, afetos e pertencimentos, onde intento construir uma reflexão que justifique essa minha insistência na escuta de mulheres negras e no entendimento de como nossos encontros nos educam e nos toram mais vivas, enlaçando a ponta desta trança com a existência de Bell Hooks em *Ensinando a transgredir* (2013).

Sabências e falas

10

No corredor da escola me lembro bem que as meninas de pele clara me olhavam vorazmente como e eu fosse um bicho indomado. E claro uma situação impossível de acontecer, aquele menino bem sucedido, loiro e lindo (risos), gosta de mim. Sexo frágil, negra e pobre. As experiências foram aumentando de acordo com o tempo, quanto percebia que os homens preferiam estar publicamente com uma mulher de pele clara, não exatamente mulheres loiras, mas mulheres que atendiam uma estética padrão na sociedade que eles mesmos criaram (Depoimento Regiane Cristina-2014).

Daniella Borges (2014), moradora de Iporá, que se autodescreveu na época, da seguinte forma: *"Tenho vinte anos e sou acadêmica de Direito, além de artista plástica e poeta. Tenho ascendência afro por parte da família paterna e sou muito orgulhosa disso."*

Tanto na epígrafe acima quanto na citação abaixo Regiane Cristina da Silva se apresenta,

tenho 37 anos de idade, resido hoje e desde sempre em Iporá Goiás no mesmo endereço. Sou mulher, mãe solteira e amante da natureza. Formada em Ciências Biológicas, pela Universidade Estadual de Iporá (UEG). Sou professora não por opção, mas por amor a vida. Gosto de tudo que respeita a vida, desde um pequeno ser a uma pequena atitude do ser humano. Sou frágil, sensível e por mais que eu pareça forte, tenho meu mundo escondido cheio de fraquezas e medos. Sonhos tenho muitos, mas os que me fascinam são os que me permitem viajar, conhecer a diversidade de lugares e pessoas. Sou apaixonada pelos sons, os batuques me encantam e também as cordas de um violão. As batidas me convidam para dançar sempre. Amor já vivi vários, aprendi depois de um certo tempo, que chega um momento que precisamos deixar eles irem, suavemente com dor, mas sem sofrimento. Hoje tenho um desafio que é instruir minha filha. Este sim será um eterno amor que me faz mulher verdadeiramente. Caminho o qual ainda vou trilhar por muito tempo (2014).

De onde vem estas vozes? Em 2014 fiz uma proposta para 6 mulheres negras nativas e cerradeiras com diferentes atuações na cidade de Iporá para falarem sobre suas histórias de vida. Apesar de já nos conhecermos, foi uma surpresa para mim o quanto de medo e de insegurança havia nesta possibilidade de troca, assim descreve Daniella Borges (2014),

eu não me via enquanto negra, mas tenho incentivo do pai, para me assumir e me empoderar. Tenho descoberto coisas sobre mim, que ainda não são tão claras e que ainda não sei falar sobre elas. A escrita ocupa um espaço onde eu me escondo, mas que consequentemente me revela. Me sinto neste momento contraditoriamente encorajada, insegura e ousada por ter aceitado este convite.

Juntas em 2014 fundamos o Coletivo Afrofalas, que na verdade era sobre a invenção de um espaço de fala e escuta entre nós mesmas. Entretanto a primeira ação deste grupo, foi estarmos juntas em um espaço de diálogo no evento na FAI - Faculdade de Iporá, ainda no mesmo ano. Com o título *Afrofalas: memórias de mim*, eu e cerca de 200 pessoas pudemos ouvir suas histórias de vida e de empoderamento.

Apesar de nós mulheres negras estarmos no grupo das chamadas “minorias” que mais sofrem diversos tipos de violências e marginalizações, socialmente, psicologicamente, culturalmente e economicamente falando, como nos cita Gonzalez (1984, p. 225).

O fato é que, enquanto mulher negra, sentimos a necessidade de aprofundar nesta reflexão, ao invés de continuarmos na reprodução e repetição dos modelos que nos eram oferecidos pelo esforço de investigação das ciências Sociais.

Estamos também na base da construção ativa da cultura do lugar onde vivemos. Não consigo desconsiderar de modo algum, as contribuições destas mulheres para o que chamamos de Cultura Brasileira, desde o período da colonização. O fato é que não somos reconhecidas pelos saberes produzidos ou muitas vezes eles são desconectados de nossos corpos. Onde passamos a reproduzir a cultura do colonizador. E aí que pergunto: Uma vez que acessamos ou ouvimos de nossas mais velhas, será que nossa memória esquece estes saberes?

A partir deste encontro com estas mulheres e de algumas problemáticas em torno das questões raciais, como por exemplo o medo da fala, eu me debrucei buscando argumentos e fundamentações, para garantir a ideia de que: o ato de falar e acrescento aqui o de ouvir, para mulheres negras que seguem

sendo silenciadas, é em si um ato de insubordinação e de autoformação. Inspirada também por Conceição Evaristo sobre a escrita, supondo que:

Talvez, estas mulheres (como eu) tenham percebido que se o ato de ler oferece a apreensão do mundo, o de escrever ultrapassa os limites de uma percepção de vida. Escrever pressupõe um dinamismo próprio do sujeito da escrita, proporcionando-lhe a sua auto inscrição no interior do mundo. E, em se tratando de um ato empreendido por mulheres negras, que historicamente transitam por espaços culturais diferenciados dos lugares ocupados pela cultura das elites, escrever adquire um sentido de insubordinação (Evaristo, 2007, p. 20).

As falas destas mulheres podem revelar universos invisibilizados, saberes guardados e tantas outras questões que as memórias podem acessar, “a história vivida [...] tem tudo o que é preciso para constituir um quadro vivo e natural em que um pensamento pode se apoiar, para conservar e reencontrar a imagem de seu passado” (Halbwachs, 1990, p. 71).

É importante aqui destacar que nas falas da interlocutora Regiane Cristina, nota-se as experiências das vivências escolares, como espaço de reprodução de violências, isso me conduz a questionar com veemência o papel destas instituições, na manutenção da lógica da violência racial. A escola que deveria ser o espaço de percepção e reconhecimento das diversidades e construção de saberes para TODOS os corpos presentes. Sobre este espaço institucional vou de encontro com a seguinte ideia:

Quando entramos em escolas brancas, racistas e dessegregadas, deixamos para trás um mundo onde os professores acreditavam que precisavam de um compromisso político para educar corretamente as crianças negras. De repente, passamos a

ter aula com professores brancos cujas lições reforçavam os estereótipos racistas. Para as crianças negras, a educação já não tinha a ver com a prática da liberdade. (...) A escola ainda era um ambiente político, pois éramos obrigados a enfrentar a todo momento os pressupostos racistas dos brancos, de que éramos geneticamente inferiores, menos capacitados que os colegas, até incapazes de aprender. Apesar disso, essa política já não era contra-hegemônica. O tempo todo, estávamos somente respondendo e reagindo aos brancos. (Hooks, 2013, p.12).

Assim considero que trazer ao longo do texto nuances sobre memória e educação, temas que já transitam por meus rabiscos, podem contribuir para fortalecer o aonde quero chegar. Nesta tentativa de uma trança entre teorias acadêmicas, histórias de vida e reflexões pessoais que vou tecendo junto a minha trajetória acadêmica, dançante e de vida, o encontro com outras narrativas de mulheres negras, ensinamentos, lições e saberes, o que vai de encontro com muitas vivências que reproduzimos nos dias de hoje e nem sempre sabemos o porquê ou de onde herdamos determinado comportamento. Concordando com Gonzalez (2020), que vai nos dizer sobre a noção de memória e consciência, sendo que para a autora,

consciência a gente entende do lugar do desconhecimento, do encobrimento, da alienação, do esquecimento e até do saber. [...] Já a memória, a gente considera como o não saber que conhece, esse lugar de inscrições que restituem uma história que não foi escrita, o lugar da emergência da verdade, dessa verdade que se estrutura como ficção. Consciência exclui o que memória inclui. (Gonzalez, 2020 p. 78).

O que responde à pergunta que lancei acima, ao passo que, assim como podemos esquecer estes saberes, podemos também lembrar. Nesse sobressaltar da importância das memórias, aqui levanto um outro questionamento sobre estas vozes de mulheres negras, se haveriam de caber aqui como reconhecidos saberes e acrescento que, saberes orais de mulheres negras ainda são pouco estudados e nem sempre elas são consideradas como produtoras de conhecimento. Historicamente sabemos que mulheres negras passaram a frequentar escolas tardiamente, o que as impediram de tecer registros escritos. Atualmente já temos um amplo referencial teórico científico, poético, tecnológico, produzido por nós.

No entanto é preciso considerar que não somos maioria nestes espaços de produções e nem de reconhecimento. É grande o número de mulheres negras que não puderam frequentar escolas, mas que ainda assim carregam consigo e manifestam, saberes diversos e necessários.

Me perguntei muitas vezes sobre o porquê ou como Daniella não se via como mulher negra, e posteriormente poderemos ver na sua carta atual, como ela foi aos poucos, nos encontros com outras mulheres negras, identificando seu corpo, os cabelos, as violências e a partir daí foi construindo um lugar para si. Habitável e confortável para existir.

Não querendo responder uma pergunta com outra, mas questiono ainda de onde vem estas referências? Como elas nos cegam? Como se construíram a partir de nossas vivências neste território cerrado e nas escolas? Aprendemos a nos odiar na escola? Na família?

Se os valores foram passados de geração a geração, quais saberes nos são passados ao ponto de distorcer a imagem que poderíamos ter de nós mesmas? Estas então mulheres cerradeiras e interioranas estão como hoje?

O que acontece quando olhamos umas para outras intimamente e acessamos nossas dores, nossas memórias de infância, nossas superações e insurgências? Seguimos sonhando os sonhos de nossas ancestrais? Que sonho seriam estes?

Pergunto por fim: Quem diz que nossos saberes são fundamentais para manutenção da vida? Hoje já posso responder esta problemática. Nós dizemos. Nós produzimos estes saberes. Nós nos mantemos vivas e nossos saberes sustentam comunidades inteiras e não é de agora. No artigo que Dias e Freire (2020, p. 13) descrevem a partir das narrativas ouvidas e esmiuçadas sobre as mulheres cerradeiras: “em nossa busca pela compreensão, acreditamos que cerradeiras subvertem uma determinada ordem social. São mulheres múltiplas e não um lugar reduzido, um conceito fechado.” E eu as vi em Daniella e Regiane também. Em suas singularidades e diferenças. Lutas e invenções para seguir. Uma dinâmica que precisa ser observada e acolhida de forma muito gentil e complexa.

Mesmo sabendo que nem tudo que mulheres negras dizem, podem ser observados ou analisados pela perspectiva da produção científica de saberes, sei que é importante entender também a relevância de construirmos outros modos de olhar para estas narrativas. E isso aconteceu durante essas escritas.

Para se pensar as sabenças destas mulheres ou reconhecer seus saberes ainda como saberes ancestrais, é preciso a escuta e para reconhecê-las hoje como mulheres cerradeiras também precisei ouvir novamente. Obviamente que não consigo neste breve artigo, exercício prático de análise de narrativas, debruçar sobre todas as pautas que compõem suas narrativas. Mas aqui eu alcanço um dos objetivos deste trabalho, que é acenar a complexidade de questões, traumas, problemáticas, saberes, que falas de mulheres negras abarcam. Para minha tese este

será o exercício, destacar, trazer para mesa estas trajetórias, para complexificar também o pensar a formação e autoformação do corpo negro feminino por caminhos nem sempre formais.

Assim como é preciso ouvir várias delas, para saber como fazem uma determinada receita, seus diferentes modos de fazer ou porque dançam determinada dança, ou de onde vem os valores que trocam com seus filhos, como fazem a benzeção e a relação sagrada ou profana que há nisso. E como isso faz parte desta educação coletiva, pelo nosso bem viver.

Para considerarmos estes saberes e fazeres é preciso também romper com algumas noções de produção de conhecimento. Bell Hooks (2013) também aponta sobre a ruptura como tarefa coletiva, para que todos possam existir e serem reconhecidos e que isso deve estar presente na prática pedagógica. Acredito que para tal, seja fundamental reconhecer e por vezes investigar sobre a memória dos lugares, as pessoas que vivem nestes lugares, os afetos, as relações e tantas outras tramas, para colaborar com a existência destes corpos e tais rupturas. Não esquecendo sobretudo que:

O lugar em que nos situamos determinará nossa interpretação sobre o duplo fenômeno do racismo e sexismo. Para nós o racismo se constitui como a sintomática que caracteriza a neurose cultural brasileira. Nesse sentido, veremos que sua articulação como o sexismo produz efeitos violentos sobre a mulher negra em particular. (Gonzalez, 2020, p. 76)

Assim, aqui, começo a acreditar que ouvir mulheres negras é um passo grande no entendimento destas nossas existências e para pensar possíveis caminhos para que fiquemos vivas, bem como para produzir lugares de sabências e fazeção que traga sentidos a nós e os nossos.

Mulheres cerradeiras, também são mulheres águas, mulheres da terra, as guardiãs das sementes, as mulheres urbanas e dos espaços coletivos, as mulheres aldeadas, mulheres de pele preta, mulheres que vivem, ensinam e não escrevem. Mulheres de cachimbo na mão, caneta nos dedos, das teclas, da poesia, das ruas, do astral, mulheres centros astrológicos e tantas, tantas outras. Como vai me lembrar a Daniella de alguns anos atrás...

Página Preta

*Uma página preta
Não dá conta da nossa demanda
Mas já é um outro negro começo*

*Uma página preta
Não é tudo que queremos
Mas já anima o corpo
Cansado da luta*

*Uma página preta
Em tempos de tanta besteira
Um ensaio sobre José Carlos Limeira
Preta página subvertendo a lógica de procura
Salpicando tinta fértil nesse universo de brancura*

*O mundo em preta cor
Uma página preta olhando pra trás e pra frente
Invadindo a retina do planeta
Mostrando que o preto combina com tudo.*

Daniella Borges

Cochichos sobre memórias e silêncios

Mulher negra e uma experiência poética de vida

Quando fui convidada a participar desse projeto, a Daya perguntou algo que me colocou para pensar. Foi algo como: “Quantas mulheres negras que tiveram um importante papel em nossa sociedade vocês conhecem?”. Mulheres negras, mulheres negras...caramba! Não conheço as mulheres negras que fazem parte da nossa história! Só me veio à mente umas poucas atrizes e cantoras. Nenhuma mulher lembrada por sua bravura, nenhuma escritora, nenhuma filósofa, nenhuma poetisa. (Depoimento Daniella Borges-2014).

O que as memórias podem nos revelar? Acolhendo a perspectiva de Halbwachs (1990) sobre os registros que compõem a memória de determinados grupos, nos quais

[...] a ideia que representamos mais facilmente, composta de elementos tão pessoais e particulares quanto o quisermos, é a ideia que os outros fazem de nós e os acontecimentos de nossa vida que estão sempre mais presentes são também os mais gravados na memória dos grupos mais chegados a nós (Halbwachs, 1990, p. 49).

Estas memórias quando narradas, podem revelar, denunciar e lançar outras perspectivas de vida, que confrontam as inúmeras representações que estão demarcadas a nós mulheres negras. Trago aqui as palavras e poéticas de existir, das duas interlocutoras deste trabalho, para que possamos seguir nessa conversa.

Depoimento mulher cerradeira urbana Daniella Borges - 2023

Estou com 25 anos, sou funcionária pública municipal e concursada. Sou mulher negra. Negra de pele clara, ou seja, parda. Por um tempo achei que não devia me declarar como parda, o que

era muito conflitante para mim, pois parecia errado, vergonhoso, como se estivesse negando minha afrodescendência. Por outro lado, nunca tive coragem de usar cotas raciais por acreditar que estaria tirando oportunidade de uma pessoa preta, que talvez tivesse menos oportunidades que eu. Fiz certo.



Figura 1 Daniella ao meio em sua formatura em direito. Fonte: acervo pessoal Daniella Borges.

Tenho tido a oportunidade de conviver com minha madrasta, mulher negra de pele escura, ou seja, preta. E é gritante a diferença com que somos tratadas. Os níveis de racismo que já vivenciamos. Quanto mais escura a pele, mais escancarado e agressivo é o racismo vivido. Por isso me autodeclaro negra de pele parda, já que não considero justo me comparar com mulheres pretas, que passam por situações que eu nem imaginava que acontecem.

Essa mulher incrível que admiro muito, minha madrasta, me deu uma irmã recentemente e estou encantada com a pequena Dandara. Graças a ela, conheci a história da guerreira Dandara dos Palmares.

É interessante como minha irmãzinha aflorou em mim um desejo pelo ativismo contra o racismo. Antes, este me causava dor. Agora, me causa raiva, o que vou ter que aprender a controlar para usar como impulso para trabalhar com conscientização das pessoas.

Nos últimos anos tive que deixar de lado a arte e a poesia para me dedicar aos estudos para concurso, pois terminei a faculdade de direito, mas não quis atuar como advogada. Mas assim que passar essa fase de estudos, pretendo voltar a fazer arte e poesia.



Figura 2 Daniella Borges. Fonte: acervo pessoal Daniella Borges.

Acho que não abandonei muitos sonhos. Apenas amadureci um pouco e conseqüentemente, amadureci alguns sonhos.

Daqui 5 anos espero ter o conforto financeiro que busco através de concurso, e espero também estar realizada profissionalmente. É para isso que tenho me dedicado tanto, estudando. Não mudaria nada do meu passado. Tudo pelo que passei e as experiências que tive, contribuíram para quem sou hoje. Ter lido o que escrevi sobre mim aos 19 anos me fez lembrar o quanto certas questões eram doídas para mim. Eu tinha muita dificuldade para lidar com certos sentimentos e assuntos. Mas o tempo e as experiências que tive me ajudaram a aprender a lidar com o sofrimento, que em muitos momentos da vida é importante para o amadurecimento, de forma saudável. E aprendi que apesar disso, a vida pode ser leve e maravilhosamente bela.

Seguindo! Me perguntei também como Regiane entendia e hoje

entende as escolhas dos lugares de afeto e os padrões de beleza. Apesar de ser uma mulher que caminha muito só em suas trilhas da vida.



Figura 3 Daniella Borges ao meio. Fonte: acervo pessoal Daniella Borges.

Regiane Cristina – 2023

Hoje sou uma mulher decidida e não tenho medo de colocar meus sonhos a frente dos obstáculos. Confesso que me sinto um pouco só e desamparada as vezes. Trilhei por caminhos tentando me reencontrar, mas as funções e adoecimentos mentais tem tirado um pouco da minha paz e de quem realmente eu fui um dia e ainda poderei ser.



Figura 4 Regiane Cristina. Fonte: acervo pessoal Regiane Cristina.

Estou fazendo esse caminho novamente, tentando me reconectar com aquele corpo e mente que deixei para trás a alguns anos, exatos 5 ou 6 anos por aí. Pretendo ainda conhecer lugares místicos, ter uma conexão melhor com a natureza e ainda procurar o caminho da dança.

Daqui 5 anos (risos), talvez eu tenha um reencontro com a dança, pretendo ter a cura para as dores da alma e dores físicas, aprendendo a respeitar o limite do meu corpo. Hoje entendo que preciso estabelecer um limite. Se eu pudesse mudar algo, eu gostaria de não ter perdido tempo atrás de pessoas e só cuidando delas, talvez eu tivesse aproveitado mais um pouco de mim. Essa é minha busca intensamente. Aprendi a dizer não, e respeitar os meus desejos e vontade e não colocar para dentro o que eu não preciso colocar.

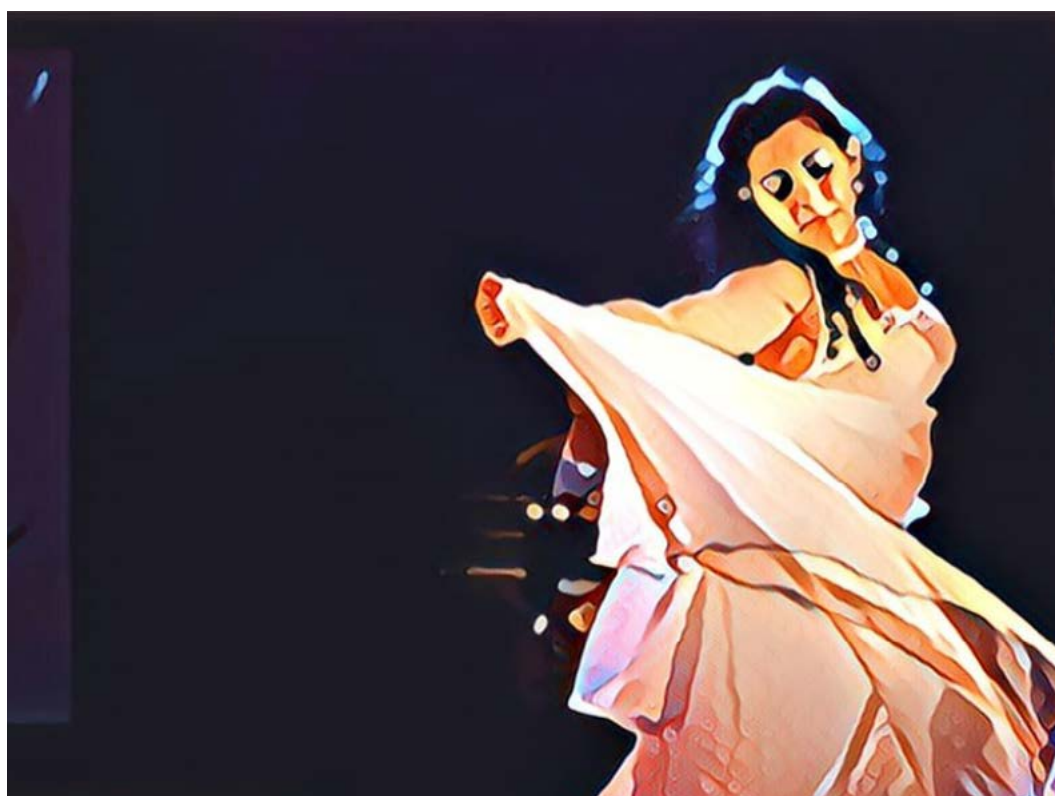


Figura 5 Regiane Cristina. Fonte: acervo pessoal Regiane Cristina.

Quando reli o que escrevi, tive a certeza de que realmente preciso aprender a ficar comigo, a cuidar de mim, a ouvir o que está dentro e

pedir ajuda porque essa função de ser de tudo um pouco, cansa e nos deixa desconectado de quem realmente somos. As histórias foram de dores causadas por situações que eu mesma desconhecia e permiti que acontecessem. Hoje não sei como retornar e como seguir só, mas sei que estou no caminho. E vou conseguir. Eu sou mulher, sou linda e tenho a sensibilidade de ver a vida com todos os olhares, para todas as situações que adoecem o corpo e a mente, mas isso precisa partir de mim. Primeiro o olhar para mim. Eu faço a escolha. O caminho sempre foi de solidão, a diferença é que agora eu sei que posso ter uma rede de apoio que não precisa ser os braços de um homem, sei que posso primeiro cuidar de mim para depois cuidar do outro, se eu quiser, se for viável. Só eu estou aqui e esse amor precisa ser de um olhar para dentro.



Figura 6 Regiane Cristina. Fonte: acervo pessoal Regiane Cristina.

Lançar voz após tanto silêncio, pode ser libertador. Na história da cultura brasileira, estas mulheres ainda estão estereotipadas

e marginalizadas. Fica na memória da sociedade uma visão distorcida de mulheres negras objetificadas, o que não pode ser negado, mas que deve e pode ser reinventado, inventado ou até deturpado mesmo.

Meu nome é Regiane Cristina, tenho 37 anos de idade, fui mãe solteira aos 23 e hoje minha filha está com 13 anos de idade. Falar desse assunto (relações afetivas) é em primeiro lugar lembrar minha história como mulher, poucas vezes amada e maior parte da vida usada. Quando passei pela adolescência sempre tinha muitos garotos interessados, mas me lembro bem de quando um garoto loiro se apaixonou por mim. Para as pessoas aquilo era algo impossível, e se tornava comum cada dia mais. Eu não podia estar ao lado de alguém de cor clara (Regiane Cristina - 2014).

25

Sobre estas tais inserções que tratam de uma memória imagética e representativa inserida no cotidiano brasileiro, afirma Gonzalez (1984, p.228) em seu texto: “Racismo e sexismo na cultura brasileira”, “a nomeação vai depender da situação em que somos vistas”.

Regiane poderia ter sido nomeada de vários termos pejorativos aqui, somente por existir. Entretanto a pauta de nossas solidões também já é assunto debatido entre nós, uma vez que a branquitude não se ocupa da tarefa de repensar seus privilégios e o próprio racismo. Certamente estamos a aprender como e porque podemos ser amadas, tanto por nós mesmas, quanto nas relações que nos dispomos, mas este ainda é um caminho longo a ser percorrido e inventado. Caminhemos...

Configuro que esse modo de ver, construído a partir de toda a colonização e reprodução de saberes movidos pelo ódio a nossos corpos, fortalece para que permanecemos no imaginário

social neste exato lugar. Não sendo reconhecidas pelos saberes, as intelectualidades, as criatividades, os fazeres com autonomias e insubordinações.

Muitas destas mulheres tem trabalhado duramente e com muita resistência para desconstruir estes imaginários e seus padrões. Como elas tem feito isso? Atuam em grupos? Individualmente? Isso muito me interessa, como pesquisadora, professora e como mulher, por que são nestas histórias nestas memórias que eu tenho encontrado sentido para seguir.

Acredito que estes encontros de vida, estas reflexões, podem contribuir com o rompimento de alguns pensamentos atitudes vinculadas e empenhadas na reprodução do próprio sistema que nos oprime e pode nos impulsionar a escrever diferentes histórias. Lembremos de não esquecer que:

[...] há uma história viva que se perpetua ou se renova através do tempo e onde é possível encontrar um grande número dessas correntes antigas que haviam desaparecido somente na aparência. Se não fosse assim, teríamos nós o direito de falar em memória, e que serviço poderiam nos prestar quadros que subsistiriam apenas em estado de informações históricas, impessoais e despojadas? Os grupos, no seio dos quais outrora se elaboram concepções e um espírito que reinara algum tempo sobre toda sociedade, recuam logo e deixam lugar para outros, que seguram, por sua vez, durante certo período, o cetro dos costumes e que modificam a opinião segundo novos modelos (Halbwachs, 1990, p. 67).

A reconstrução de memórias perpassa pela escuta, mas também pelo afeto, pelo acolhimento e pergunto: “eu” se não fizesse parte de uma “comunidade afetiva” de um “meio efervescente”? (Halbwachs, 1990, p. 14), onde eu me encaixaria? É sem dúvidas a busca pelo lugar de pertencimento, para existir. Eu insisto.

Breves considerações, escutas, afetos e pertencimentos

Percebi que os homens gostavam de ter mulheres como objetos sexuais, que seriam seus troféus, eles gostam de desfilar com as mulheres por aí, independentes de sua existência. Se elas vão ou não abrir a boca, estar de frente ou de costas. Basta serem bonitas, arrumadas, sempre produzidas e claro, não serem negras.

Quem não está no padrão, é considerada mulher feia, sendo assim não é digna de estar ao lado de alguém. Mulheres de pele clara, devido ao machismo, quando usam uma roupa curta, estão bonitas, mulheres de pele negra é vulgar (Regiane Cristina-2014).

Acredito que estas escutas, tanto para a localidade onde ela acontece, quanto para a rede de mulheres e mulheres negras, seja fundamental. Imagino que em 2014, estas duas mulheres ainda não conseguiam teorizar, como nos ensina Bell Hooks (2013) em sua obra. Teorizar é dar nomes, tornar visível e assim trazer à tona tantas questões, quanto as que podemos identificar nas narrativas apresentadas aqui e neste exercício acadêmico.

Pois é partir destas narrativas, que podemos olhar para a cidade, para as comunidades e para as pesquisas acadêmicas ou não, de um modo mais amplo e honesto, onde estas mulheres não permaneçam no campo da invisibilidade, no silêncio, na solidão e nem mortas.

Aqui poderíamos a partir destas duas oralidades, tratar também com profundidade da educação formal como lugar de formação de nossos corpos, entretanto sutilmente me reforça o papel dela, na promoção de violências, vislumbrando a falência moral destas instituições, desta estrutura atuante como braço de manutenção do racismo estrutural. Espero amadurecer em breve uma conversa sobre estes pontos de vista.

Podemos também aprofundar no entendimento dos privilégios da branquitude, tanto nos lugares de afeto, como de acesso. Debruçar sob o aprisionamento de nossos sonhos e

desejos. Da solidão destas mulheres negras e o desejo de uma vida amorosa sem perspectivas que nos criminalizam por amar quem quisermos, sejam negrys ou não negrys.

Não se trata de uma tentativa de resgatar a memória para compreender o presente, mas reafirmo aqui a ânsia de buscar nestas histórias de vida, lugares de afeto, de conforto e sim de pertencimento, como aborda Halbwachs (1990, p.28)

[...] um depoimento não nos lembrará nada se não permanecer em nosso espírito algum traço do acontecimento passado que se trata de evocar, não queremos dizer todavia que a lembrança ou que uma de suas partes devesse subsistir tal e qual em nós, mas somente que, desde o momento em que nós e as testemunhas fazíamos parte de um mesmo grupo e pensávamos em comum sob alguns aspectos, permanecemos em contato com esse grupo, e continuamos capazes de nos identificar com ele e de confundir nosso passado com o seu.

Para fechar este trabalho, acredito que a partir desta leitura e das problematizações destacadas no texto, podemos nos levar ao entendimento do que acenei como autoformação, como lugar de poder e ao reconhecimento deste movimento e esse existir coletivo, como sendo sim um lugar fundamental na continuidade de nossos projetos de vida.

Relato que aqui por detrás destes silêncios e ruídos, permanecemos e nos movimentamos sempre. E isso é algo que levo como hipótese para nossas existências e manutenção da vida. Acreditando também que se a escola nem sempre fornece um espaço coletivo de formação, saúde e desejo, que possamos seguir inventando estes espaços em nossas comunidades. Que possamos inventar as memórias que desejamos contar.

Destaco que a imagem capa que abre este artigo é uma obra desenhada por Daniella Borges para o convite de nosso evento Afrofalas: memórias de mim. E as fotos acima, foram enviadas pelas interlocutoras mesmo e editadas por mim. Duas cartas atualizadas de si e reinventadas para nós. Entre narrativas de silêncio, fala, silêncio e fala e de muitos outros silêncios e falas que poderão ainda serem ditos.

Compreendo nesse sentido, que as memórias podem ser reconstruídas, as narrativas lançam percepções sobre si e sobre o outro, as trocas das histórias de vida vão nos tramando e umas às outras, descobertas neste lugar de ser mulher negra hoje, no encontro com heranças culturais de nossas avós e de outras tantas anciãs e que de algum modo vão sendo reverberadas ou superadas pelas nossas filhas e outras meninas negras. Sigo daqui. Meus agradecimentos Dani e Regi.

Referências

DIAS, Luciene de Oliveira e FREIRE, Ralyanara Moreira. **Mulheres em movimento e expressões na construção do viver-Cerrado.**

Élisiée, Ver. Geo. UEG – Goiás, v.9, n.2, e922014, jul./dez. 2020.

EVARISTO, Conceição. **Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita.** In: ALEXANDRE, Marcos Antônio (org.). Representações performáticas brasileiras: Teorias, práticas e suas interfaces. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica.** Fortaleza: UEC, 2002. Apostila

GERHARDT, Tatiana Engel e Denise Tolfo Silveira. **Métodos de pesquisa.** Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano:** en-

saio, intervenções e diálogos. Org. Flávia Rios e Márcia Lima. 1. ed. Rio de Janeiro. Zahar, 2020.

GONZALEZ, Lélia. **Racismo e sexismo na cultura brasileira.** *In:* SILVA, Luiz Antônio Machado *et all.* Ciências Sociais Hoje 2: movimentos sociais urbanos, minorias étnicas e outros estudos. Brasília: ANPOCS, 1984. p. 223-244.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 1990.

HOOKS, Bell. Ensinando a transgredir: a Educação como prática de liberdade. Trad. de Marcelo Brandão Cipolla- São Paulo. 2013. Editora Martins Fontes, 2013.

IPHAN, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Patrimônio imaterial.** Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/234>. Acesso em: 24 out, 2017.

KRENAK, Ailton. **Futuro Ancestral.** 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.